

# (Re)visitando a Escola de Belas Artes de Pernambuco\*

**Maria Betânia e Silva**

Mestre em Educação pela UFPE. Doutoranda em Educação pela UFMG  
e-mail: [bet\\_arte@hotmail.com](mailto:bet_arte@hotmail.com)

**Resumo** O presente texto procura abordar a importante contribuição da Escola de Belas Artes de Pernambuco para o ensino da arte e disseminação da mesma no Estado no período anterior à reforma educacional de 1971 quando a arte passou a ter um lugar obrigatório no currículo da escola básica. A Escola de Belas Artes, juntamente com outros movimentos e instâncias, favoreceu a articulação e organização dos profissionais ou os que desempenhavam função na área de arte ou ainda os que nela demonstravam interesse. Buscamos aqui reconstruir o período em que as primeiras sementes foram lançadas para o nascimento da Escola, quais eram os objetivos dos fundadores, que percalços se apresentaram no caminho, enfim o momento em que ela é reconhecida oficialmente.

No final do século XIX alguns artistas e profissionais da área de arte tentaram fundar uma Escola de Belas Artes, em Recife, com os moldes da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Além do sonho de fazer nascer uma escola de arte, no estado de Pernambuco, estava implícita a intenção de favorecer o acesso ao ensino da arte àqueles que concluíam o curso secundário fundamental e assim fazer nascer novas vocações artísticas em meio à sociedade.

Um arquiteto, Herculano Ramos, em 1888, já havia tentado fundar uma Escola de Belas Artes no Recife, mas não conseguiu realizar seu desejo por falta de fundamentos persuasivos junto ao governo imperial.

Telles Júnior, pintor paisagista, ministrava aulas em seu atelier e também sonhava com uma Escola de Artes no Recife, onde ministrasse o ensino acadêmico das Artes Plásticas similar ao da Escola Nacional de Belas Artes, na capital federal.

No final da década de 20, do século XX, afirma Marques (1988), junto com seus alunos, esse artista se une para a criação da Escola de Belas Artes. Depois trazem, para “mesclar de sabedoria essa sociedade”, outros amigos, colegas de profissão e colecionadores de arte, escultores, engenheiros, pintores, arquitetos e bacharéis de Direito. Assim, determinados por essa idéia, passaram a realizar constantes reuniões no atelier ou nos cafés da cidade. Aos poucos, foi se organizando a estrutura curricular, didática, administrativa e jurídica.

---

\* O presente texto é um recorte de nosso estudo de mestrado intitulado *A inserção da arte no currículo escolar Pernambuco (1950-1980)*, defendida no programa de pós-graduação em Educação da UFPE em 2004.

Conforme Joel Galvão<sup>1</sup> (1956), a idéia de fundar a instituição partiu de um sonho e da força de vontade desse grupo.

Começaram, então, a desenvolver campanhas entre os amigos, conhecidos e outros que tinham interesse em colaborar com a iniciativa para conseguir equipamentos necessários para a estruturação dessa escola como mesas, armários, material didático, etc. Não cessaram de incomodar os governos estadual e municipal e, segundo Bibiano Silva<sup>2</sup>, a escola seria fundada com os recursos da vontade, da perseverança, do valor, do querer e da audácia. A escola precisava nascer para ter existência, pois, conforme ele, o homem não vive somente de pão, mas seu espírito precisa desse alimento transcendente que é a arte (Galvão, 1956).

Assim, se deu início às suas primeiras atividades e foram oferecidos cursos superiores de Arquitetura, Pintura e Escultura. A intenção da aprendizagem da Pintura, Escultura e Arquitetura seria a de provocar o esforço, incentivar a imaginação de cada aluno, ensinar-lhe as leis da composição e a técnica que exige cada material. O curso de Pintura, Escultura e Gravura tinha por fim o preparo técnico e artístico de pintores, escultores e gravadores, bem como a instrução superior, geral e especializada, de que necessitavam para exercer sua função no meio social, conforme Marques (1988). A autora afirma que por lei o ensino das artes era destinado ao desenvolvimento da comunidade.

Para os fundadores da instituição, o ensino acadêmico devia ser seguido fielmente dentro dos moldes da Escola Nacional de Belas Artes. Assim, o ensino, para ser completo, devia aliar a teoria com a prática. A metodologia utilizada pelos professores era espelhada nos grandes mestres da pintura de séculos passados. O ensino era voltado ao clássico e exigia-se do aluno fidelidade nas observações, realidade nos desenhos (Silva, 1995).

Todos os profissionais deviam ser formados pela Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, Faculdade reconhecida pelo Governo Federal. Para os estrangeiros, um dos requisitos exigia que residissem no país há mais de 15 anos. Já para os artistas se tornarem profissionais da Escola deveriam ter medalhas de ouro, prata ou bronze ganhas em concurso de Salão de Arte organizado pelo Conselho Nacional de Belas Artes. Os professores que não tinham título catedrático<sup>3</sup> tinham um prazo de dois anos para apresentar uma tese sobre o assunto de sua especialidade, que seria julgada pela congregação<sup>4</sup>. Essa exigência se deu porque o regimento da Escola Nacional de Belas Artes já exigia que os componentes da congregação fossem constituídos de professores catedráticos (Marques, 1988).

---

<sup>1</sup> Foi professor catedrático da cadeira Higiene da Habitação e Saneamento das Cidades. Era engenheiro e em 1935 foi eleito diretor da Escola.

<sup>2</sup> Era escultor e foi um dos fundadores que depois passou a ser o diretor da Escola de Belas Artes.

<sup>3</sup> Os professores catedráticos eram os fundadores e aqueles que, em concurso público, tiravam a primeira classificação.

<sup>4</sup> Órgão superior da direção didática e administrativa da escola composta por todos os professores catedráticos em exercício, dos docentes livres que estivessem substituindo os catedráticos e um docente livre representante de sua classe e por ela eleito anualmente.

A punição para os que não entregassem a tese, cumprindo a exigência, era perder seus direitos de professor. É interessante perceber, aqui, a exigência da qualificação profissional para a área específica.

Para a matrícula dos alunos, exigia-se a idade mínima de 15 anos, certificado de curso secundário fundamental e aprovação em exame prévio realizado pela Escola (Marques, 1988).

No ano de 1932, ano de fundação da Escola, 80 candidatos se inscreveram para o concurso de habilitação, número significativo e elevado para o período, que demonstrava o interesse, no Recife, pelo estudo das belas artes, vendo-se, portanto, justificada a existência da instituição.

Em julho do ano seguinte, menos de um ano depois do início dos cursos, planejava-se o Primeiro Salão patrocinado pela Escola (Revista da Escola de Belas Artes de Pernambuco, 1957).

O objetivo geral da Escola de Belas Artes encontra-se, conforme Silva (1995), num escrito do comitê da Escola que diz: “Para isso é criada a Escola de Belas Artes. Disciplina e coordenação de aptidões nascentes, estímulo aos negligentes e pessimistas, glória aos gênios e conforto aos medianos, tudo ela proporciona...” (p. 147).

Como se vê, desde o início da criação da Escola de Belas Artes, seja a nacional seja a pernambucana, o objetivo estava centrado na formação acadêmica e o público a ser atingido era justamente o percentual da população que concluía o curso secundário e que tinha aptidão ou o “dom inato” para a arte. Assim, até meados do século XX, permaneceu a idéia de que a arte era reservada para os que tinham “talento”. Naturalmente, como os professores foram formados pela Escola Nacional de Belas Artes ou em escolas europeias, o ensino predominante foi o clássico centrado em regras e nos cânones europeus.

As matérias mais relacionadas ao homem e o funcionamento do processo criador e da imaginação só foram introduzidos, na Escola de Belas Artes de Pernambuco, no início do curso de Formação de Professores de Desenho, com disciplinas como Didática Especial, na década de 50, ministrada pela professora Noemia Varela (Silva, 1995). Esse curso foi destinado ao preparo dos que tinham vocação para o magistério dessa disciplina.

O regulamento da escola foi moldado de acordo com a Reforma Francisco Campos a qual reorganizava a Escola Nacional de Belas Artes. No decorrer dos anos a Escola manteve-se de pé por força de vontade e perseverança dos artistas que estavam à sua frente, pois desde seu nascimento os professores não percebiam qualquer remuneração por seu trabalho docente. A Escola de Belas Artes tinha como objetivo a formação cultural dos estudantes, o interesse de difundir as artes plásticas, oferecendo aos que estudavam mais incentivo e mais longos conhecimentos e ainda desenvolver a verdadeira acepção da arte e preparar o espírito dos seus alunos para a compreensão estética.

Somente após treze anos de sua fundação, a Escola de Belas Artes, em Recife, teve seu reconhecimento federal.

Com o passar do tempo e com o amadurecimento causado pelas novas experiências realizadas, as idéias foram se modificando, foram se enriquecendo e os horizontes se ampliando. É o que veremos a seguir nas palavras do professor Delgado (1957) que expressa a concepção de arte da Escola em conferência pronunciada no período das comemorações do 25.º aniversário da Escola de Belas Artes de Pernambuco:

Mesmo em seus aspectos formais, nos elementos que acabam conjugando-se num gênero ou num estilo, a arte é, por isso uma expressão. Expressão de um indivíduo, de uma geração, de uma escola; de como os homens, isolados ou em grupo, percebem e entendem a beleza. Dentro do artista, pulsa, porém, um coração humano. Ora um coração tranquilo; ora um coração torturado. Ora o de Mozart; ora o de Beethoven! E isso quer dizer que a expressão corporificada na arte, não é somente expressão de um sentimento da beleza. Tal sentimento acaba sendo como que a veste ou a fisionomia de outros. A beleza que o pintor deposita em seus quadros, é inseparável da experiência que ele tem da vida, da angústia ou do júbilo em que os homens argamassaram o seu ser, da idéia, que ele faz, do universo, da vida e dos homens (p. 6).

Continua Delgado:

A arte não é privilégio de um reduzido grupo de indivíduos. Sua nobreza está em ser largamente humana, acessível a tôdas as almas. O destino da obra de arte não é servir de tema a digressões e ensaios: é tocar os corações. É dar-lhes por um momento essa especial e indizível vibração que é o substrato do estético. Para quem lê o poema, escuta a sinfonia, olha o templo ou a estátua, êsse pode ser um instante de plenitude e desfôgo, como se algo que dentro dêle dormia, acordasse enfim, e abrisse os olhos para ver o universo, e abrisse os braços para abraçar a vida (p. 9).

Em 1946, quando criada a Universidade do Recife, a Escola de Belas Artes se incorporou a ela juntamente com a Faculdade de Direito, a Escola de Engenharia, a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Filosofia do Recife.

No ano de 1959, matricularam-se 268 alunos nas diferentes séries dos cursos mantidos pela Escola, que ainda realizou neste ano um curso de Extensão universitária sobre “Problemas de Educação”, a cargo do professor Paulo Freire (Revista da Escola de Belas Artes de Pernambuco, 1959).

Uma enchente ocorrida na cidade do Recife destruiu boa parte da documentação e acervo existente na Escola. Hoje, o que se conseguiu salvar está em processo de restauração para torná-la disponível aos pesquisadores e ao público.

Observamos nesse percurso que o processo percorrido pela arte na Escola, especialmente em Pernambuco, talvez, desde os primórdios da colonização, nas terras brasileiras a arte ficou reservada à elite social, pois, como podemos observar, o acesso à Escola de Belas Artes era restrito aos concluintes do curso secundário ainda exigindo-se a aprovação em concurso, o que afunilava ainda mais a entrada nessa escola, uma vez que eram pouquíssimos os que atingiam esse nível escolar. Estudar na Escola de Belas Artes, conforme Silva (1995), era “status”, era um sonho, um ideal das moças e rapazes que amavam a arte.

O esmero do desenho foi, desde o século XIX, o elemento principal do ensino artístico, dentro da pedagogia neoclássica. Por isso a cópia constante, afirma Silva (1995), na tentativa de chegar-se à precisão da linha e do modelado. A influência dessa disciplina continuou fortíssima no século XX e tinha por base o fato dos neoclássicos considerarem o artista como um “gênio”, uma inteligência superior que, através do desenho, seria limitada, domada pela razão, pela teoria, pelas convenções da composição para melhor atender à tradição e à história.

É interessante retomar aqui a observação de Julia (2002) que, em seus estudos sobre a história das disciplinas escolares, tem constatado que o fato de uma disciplina não aparecer nos programas escolares ou não existirem cátedras com seu nome não significa que ela não era ensinada.

Pensar a história da Escola de Belas Artes nos ajuda a compreender o processo percorrido por intelectuais, educadores e artistas para viabilizar o ensino e a também divulgação da arte em meio à sociedade. Contribuir e possibilitar a ampliação das discussões sobre o papel e a presença de instituições na organização e sistematização do ensino, no campo brasileiro e aqui mais especificamente pernambucano, foi o objetivo deste texto.

## Referências

DELGADO, Luiz. Arte, Expressão e Cultura. *Revista da Escola de Belas Artes de Pernambuco*. Ano 2, n.1, 1958.

GALVÃO, Joel F. Jayme. *Memórias de uma cruzada*. Secretaria do Interior e Justiça – Arquivo Público Estadual. Recife, 1956.

JULIA, Dominique. *Disciplinas Escolares: objetivos, ensino e apropriação*, in: LOPES, Alice Casimiro & MACEDO, Elizabeth (orgs.). *Disciplinas e Integração Curricular: História e Políticas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MARQUES, Norma de Oliveira. *Escola de Bellas Artes de Pernambuco: aspectos de estudo histórico*. Monografia. Especialização em Artes Plásticas. Recife: UFPE, 1988.

*REVISTA da Escola de Belas Artes de Pernambuco*. Universidade do Recife, ano 1, n.1, 1957.

\_\_\_\_\_. Ano II, n.1, 1958.

\_\_\_\_\_. Ano 3, n.1, 1959.

SILVA, Beatriz de Barros Melo e. *A Pedagogia da Escola de Belas Artes do Recife: um olhar a mais*. Dissertação. Mestrado em História. Recife: UFPE, 1995.

SILVA, Maria Betânia e. *A inserção da arte no currículo escolar (Pernambuco, 1950-1980)*. Dissertação. Mestrado em Educação. Recife: UFPE, 2004.